

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

MODO DE CUMPRIR

Ora aqui estôu eu solemnemente compromettido com o redactor da «Lagrima» e sem que veja saída satisfactoria para o meu desastrado compromisso.

Escrever um artigo, por mais insignificante que seja, quando o espirito se acha oxydado pelo corrosivo das contrariedades e da inercia, é tarefa superior ao desejo que tenho de lhe ser agradável.

Onde encontrar o assumpto?

Eis aqui precisamente o busilis.

Eu podia tentar uma dissertação sobre os melões do concelho, fallando nas granjas da Pousa, Villar de Frades, Manhente, em varios humus que os produzem apimentados, elaborando uma relação hierarquica de todos os peritos capazes de conhecer os bons a seis metros de distancia, á frente dos quaes forçosamente teria de collocar o Amaro Terroso e trabalho este que me renderia uma menção honrosa, conferida pela Academia Real... dos *destemidos* de Lisboa.

Ainda que com côres bem menos brilhantes que as do nosso amigo Archeologo, que é um eximio na sua paleta, podia-vos contar tambem scenas passadas n'esta formosa villa ha trinta ou quarenta annos, entre as quaes collocaria o fusilamento do celebre macaco, que possuia o Visconde de Leiria, refinado e corpulento simiano que suspendia os cantaros e os cestos das moças que passavam debaixo da sacada onde amarrado, na rua ainda hoje conhecida pela do Mico e que foi executado a tiro por se atrever a pôr as quatro mãos irrespeitosas na cara de um dos lacaio da casa.

Podia-vos historiar as viagens de um amigo commum pelas sete partidas do mundo; seu naufragio nas alturas de Cabo-Verde; tentativa de suicidio antes da installação no ventre de qualquer baleia; o salvamento do violão, especie de Lusíadas d'este epico das noites luarentas; passagem para o bojo de um barco inglez que o transportou a Cork, a terra da manteiga, e a King's town; os idyllios n'esta cidade com Catharina O'Keefe, a filha do consul; e mais tarde a sua chegada a Barcellos em noite de dezembro, pela estrada das Necessidades, onde o foram esperar umas doze traquitanas, vidé, caleches da epocha.

Mas para fazer isso necessario era que a «Lagrima» tivesse outras dimensões e que a natureza que me cerca me não anesthasiasse continuamente os sentidos com as suas inhalações marinhas e com o seu bem-estar consolador.

Assim, nada feito.

FABRICIO.

CHIMERA

*Onde vaes doidejando oh! casta mariposa
Nas azas da procella, ao caprichar do vento,
Pelo espaço, veloz, qual mesmo pensamento
Furtando, fugitiva, um beijo a cada rosa?*

*Profanar tanta flôr que a vicejar mimosa
Perfuma o largo valle, é bem maldoso intento!
Deixa-me aprisionar-te um só, curto momento
Que outra flôr te darei de todas mais formosa.*

*E' seu véro retrato a mais brilhante estrella
Que altiva tremeluz na vastidão do empyreo,
Mais pura é que a ceccem e como um anjo é bella.*

*Vae! Poisa-lhe na frente e diz-lhe o meu martyrio
Mas deixa-me escrever-te, e leva-lhas a Ella
Mil confissões d'amor, nas azas côr de lyrio!*

A. ESMEZIL.

NOTAS DA QUINZENA

A' acção torresmal do calor nada ha que fique *illeso* n'este cosmos, quer seja a figura *chue* do Nunes, quer seja a *hydropica* do Oliveira. Se o primeiro se queixa de falta de ar, o segundo diz que morre abafado.

Ao meu amigo Loureiro ainda hontem ouvi dizer:

—«Rapaz, fecha aquella porta por causa do sol, e abre a janella de traz para entrar a fresca...»

As gallinhas cahem de lado retesando uma perna e estendendo uma aza, os cães estendem-se ao comprido abrindo a bocca e botando a lingua de fóra; os gatos abandonam o borrhão para se espreguiçarem sornamente no fresco sobrado.

As testas humanas, assim como beiraes de telhado em dias de chuva, pingam desabaladamente.

Os soldados, sem meias, fabricam abundantemente *culé* dentro das destemidas botas de *bezorro*, assim como o Sério, em compatibilidade com o Esquina, fabrica no seu estabelecimento licôr de hortelã pimenta.

Um mau cheiro se escapa de todo o corpo; «até tu hontem, oh meu peccado bem amado», não tinhas na bocca a vulgar frescura dos mais dias.

Soffrem horrorosamente os dandis dentro de erguidissimos collarinhos.

O Lamella quando no pino do dia atravessa, debaixo dum guarda-sol feitioso, o Campo da

Feira, em demanda do luzitanico manjar, gasta dezenas de metros cubicos de ar.

As fontes de Barcellos, maxime as que soffrem mais com o *culôr* (e com a incuria e negligencia, do «collega aguadeiro») pingam como um contador de gotas.

Aquelles felizes que têm dentro de casa a agua Borges, nada soffrem com a *estragem das fontes*... Agora a uns como este vosso creado, que como Miguel Domina ou Carreira, precisa de gastar o physico em *dissociologicas* horas de trabalho insano, a agua que é primeiro elemento de hygiene, faz falta.

Os que não podem andar, como o entrevado Sampaio, que podiam mergulhar-se, em casa, em fresca agua, gosam simplesmente o anno da temperatura notibó, ou arranjam a ser poisados, de dia, sob copada arvore.

Os que são lestos como o José Lisboa ou como o Manoel Zé, como lhes falta a agua para abrandarem a secura interior, atiram-se em saltos macabros ao Cavado, para refrescarem o exterior.

A Camara da Regoa fez collocar de curta em curta distancia *simples e seguros* marcos fontenarios, onde a agua, sob pressão violenta de muitas athmosferas, sai, premindo-se numa móla, jorrammente.

A de Barcellos, diz o pobre do Motta, parece que fez unicamente *contracto* com o sr. Borges...

(Antes isso do que se soffrer um desgosto intimo de familia.)

Já li num jornal «o imperio pertence aos povos sujos», e ha tempos, tambem li, que um jornal francez iniciou uma campanha violenta contra o aceso do corpo.

Ha em Barcellos muito propaganlista da porcaria. São sujos... e obrigam os outros a sel-o.

*

O theatro Gil Vicente.

Estava o Antonio Fiuzza, o *celebre* capitão Cardoso, o Carreira e eu, tomando a fresca á janella do antigo theatro do Gymnasio, em dia de espectáculo, quando o primeiro cavalleiro—no seu empenho, pouco equalado, de engrandecer Barcellos—desabrochou a feliz ideia de se construir um theatro.

Dahi a dias, no Carmona, no Mattos, na redacção do «Commercio», em toda a parte,—se dava todo o vapor a tão feliz lembrança, e o sr. Fiuzza, como um celebre capitão turco, que elogiava aos seus soldados a bravura dos portuguezes, punha nos cornos da lua o seu intento.

Houve uma effervescencia violenta, *ainda o passaro voando*... *Tratou-se primeiramente* do sitio em que devia ser levantado; detraz dos Terceiros, detraz da Praga, no largo José Novaes, no Campo de S. José, no quintal do dr. Salazar, na cabeça, na ponta do nariz, dentro do estomago. Todos queriam a casa de espectaculos em frente,

ou na rectaguarla de suas casas... embora nos grandes centros andassem a *culcante* bastantes kilometros a procural-o.

Por sobre o mar revolto de frota barcelleira, propria de *inacção* e de maldicencia, a coisa passou.

.....
Muitas casas abaixo, muito pó, muito somno cataléptico...

... e a planta e algalto ainda *por r'áscar!*

.....
Eu tambem dei dinheiro para a obra—mas se o não desse importava-me da mesma maneira com o dinheiro dos outros...

INTERLUNIO

Ha caras que trazem consigo, quando as vemos, um quê, uma toada do celebre, ainda que os seus portadores estejam na penumbra da obscuridade, fora do ruido e do esplendor da popularidade e do renome.

Tal é a cara de uma rapariga que eu encontro cada manhã envolta n'um longo espreguiçamento de tedio para os que a veem, para os que a olham.

*

Rincha o sr. Eustachio de Azevedo em vomito avinhado:

...o *critico* leu com precipitação o meu verso.

Pois o sr. Eustachio—não sei se isto é nome de homem—não sabe que os versos alexandrinicos tem o acento predominante na sexta e duodecima syllaba, e que a sexta syllaba ha de pertencer a uma palavra aguda ou, no caso contrario, ha de dar-se sempre a sinalepha?

Agora faça segunda edição e agradeça-me.

*

D. Thomaz Mario de Noronha castiga com vergalho de... de... tollices o sr. Eugenio de Castro autor do «Sagramor».

Este D. Mario sempre teve o defeito de se tingir com a tinta dos outros.

Era melhor que deitasse a vista para as baboseiras dos seus sonetos, que fez publicar em 91, no «Diario Illustrado». Parece que o estou vendo juncto á Havaneza, ao Chiado, de barbiçha loura em riste, mal cabendo em si pelo sou feito.

O sr. Abilio Monteiro da «Vida Nova», tambem molha a sôpa em Eugenio de Castro. Parece que o seu livro «Viola» o immortalizou?! Não se estribe em favores da imprensa?!...

*

As senhoras da geração nova tem as mãos forçadas a apanhar o vestido. E' tal o habito que quando se vão deitar levam a fralda da canisa apanhada.

A LAGRIMA

Manuel Duarte de Almeida



Publicamos hoje o retrato deste illustre poeta lirico de quem a imprensa portugueza tem fallado ultimamente, em virtude de uma noticia publicadã um dia destes, na chronica dos tribunaes, de que viera uma carta rogatoria de Roma para serem tomadas declarações a um homonimo duquelle cavalheiro, relativamente a um processo intentado contra um tal Pietro Cardani ou Carducci, por burla.

O homonimo do grande poeta é um cigarrreiro, bicho desprezível, que tem o nome estampado nos cadastros policiaes, e que, cinicamente, se tem aproveitado da homonimia para fins inconfessaveis.

Duarte de Almeida é, depois de João de Deus, o melhor lirico do paiz. O seu nome destaca-se neste naufragar da litteratura portugueza. Tem escripto pouco—mas isso moldado por um cerebro perfeito. E' dos nossos talentos *sui generis* na concepção.

Apresentando o retrato do primoroso lyrico, prestamos modesta mas sincera homenagem a um formoso genio do qual as letras patrias muito esperam ainda.

LOS RATAS...

Horas mortas da noite...

Na casa todos dormem.

Só na sala nobre as extenuadas cordas do piano esperitam reciosas que as não firm os martellos.

Tres hospedes, rapazes da *haute gomme*, repousam n'um quarto afastado, fatigados do *pas-de-queue*, e da jornada que fôra *longu*. Tinha vindo da sua terra, uma formosa villa que descança na margem direita d'um grande rio que nasce na serra de Larouge e vai desaguar no Atlantico, lá para o *cabo do mundo*.

Um d'elles, sonha que na gaveta da meza de cabeceira existem alguns pequenos corpos negros, que se agitam... talvez uma ninhada de ratos.

Desperta em sobresalto, e acorda os compaheiros que saltam lesto das camas.

Accendem a vela de starina que, espetada na palmatoria, inclina o pavio com ar triste.

Interrogam-se...

Correm pressurosos á gaveta que abrem...

mas não encontram ratos; são charutos, charutos ás mancheias.

Entrecolham-se.

Não querem apoderar-se do que não lhes pertence, o suor banha-lhes as fronteas, mas... é preciso *botar figura*... e elles parecem tão bons!...

Largam a gaveta e encaram-se indecisos...

O mais atrevido dos tres, toma então a palavra, e diz:

—Nada temos a receiar. Se descobrirem o *desfalque*, não haverá escrivão que contra nós redija um auto, a imprensa será muda, e a justiça, essa, será cega mais uma vez. *Noblesse oblige*, amigos... e os estanqueiros já não fiam! Venham os charutos.—

E os charutos foram.

Passaram da gaveta para os bolsos dos tres.

Pensaram então em fugir, e assomando á janella olham as trevas... Nada!

Olham então o ceu.

Pequenas sombras negras cortam a espaços a brancura da via-lactea...

Será o *passaro* noctívago em que tanto se fallou? Nada, o *passaro* já o rataram.

Saltam da janella e somem-se na escuridão.

Fogem, fogem sempre, e chegam enfim á ponte...

O remorso já os aguilhão, e obriga-os a confundir o ruído da azinha do Lapuz, com o badalar rouco do immenso chocalho que Satanaz agita para convocar, aos sabbados, as bruxas e os *duendes*...

As ruínas do palacio, d'uns duques já extinctos, negrejam lá em cima, levantando para o infinito o cano colossal da chaminé, que aos erminosos se affigura ser um braço que lhes aponta a morada do Supremo Juiz...

Uma das semanas *atravadas* uma raparigu d'esta villa foi á administração manifestar um vinho. Em vez de entregar ao respectivo empregado o «Manifesto» entregou-lhe uma carta de amor.

Ardenlo em sanha n'um protesto
Explue o empregado confundido
Pois que vê encimando o *manifesto*
«Ango meu e só meu, saofoso e querido».

«Menina, lhe diz elle, que é isto?»
E a sopeira co' as faces em rubor:
E' na ver-la le um caso nunca visto,
Qu'em vez de vinho se manifeste amor!

Por occasião do enterro—realisado um dia d'estes—do rev.º abade da freguezia de Rates, o *encommendado* recommendou na egreja a todos os

À LAGRIMA

padres que não sahissen do templo no fim do officio, porque havia molete, queijo e vinho n'uma loja á beira.

Se o tapete da sepultura—a louza
Se quebrasse d'um peito a forte brado,
Aquella teria já quebrado
Sob a qual o abbade lá repousa.

Ter por cyrios os copos de bom vinho,
Por solemne *dies iræ* a gargalhada,
E' scena só em Rates approvada
Como symbolo de lamento e de carinho.

Partiu hontem em direcção a Espozende a força expedicionaria commandada pelos srs. José da Costa e Marcellino, para consolar, n'aquella villa, o gentio que anda revoltado no meio de grandes festanças. No local do embarque, á praça de D. Pedro V, estiveram a apresentar as despedidas aos valentes villanovenses e barcelleus varias auctoridades: o inspector dos incendios, um tabellião, uma praça da guarda-fiscal, um padre, um troço de sapateiros, da casa Bento Tamanqueiro, commandado pelo sr. Pannella, o sr. Bicha, representante dos apaixonados bombeiraes e o sr. Sopa, dos barcelleus. A' hora da partida foi levantado um entusiastico viva á tropa. Com os expedicionarios foram varios ajudantes, á paizana.

Uma praça de Fannalição vinha de pau feito na frente do carro, para nelle ser pendurada uma bandeira.

O sr. Silva da Casa Coelho da Cruz & C.^a, produziu um commovente discurso incitando coragem ás gentes, do que resultou ficarem lacrimijantes todos os presentes.

NOTICIAS DIVERSAS

O sapiente horticultor sr. Durães tem uns oculos cujos vidros são da cor das chagas do Senhor Morto.

—O nosso illustrador e amigo João Chrysostomo suspendeu o pagamento aos empregados da fabrica de Casal de Nil.

O edificio em que está installada é dum gosto *orientalmente-gothico*.

—Posta ao lume uma caçarola de tamanho regular deita-se nella bastante summo de limão, e uma pequena porção de mostarda. Depois de fervido isto durante algumas horas e de estar frio, —em caso de sermos arremetidos por um inimigo o liquido serve perfectamente para limpar os dentes. *P. de Faria*.

—Deve ficar solemnementemente encavacado quando defrontar com um espelho, o sr. Joaquim Trompa.

—Na loja de barbear Praina & Perinha lim-

pam-se instrumentos metallicos pelos ultimos aperfeiçoamentos de Paris.

Requisitar o catalogo dos pregos.

—Não saiu hontem em exercicio, pelas ruas da villa, o batalhão de varrelores municipaes, commandado pelo sr. Manoel da Barca.

—Dizia, ha mezes, em ar de chuchadeira e de malicia o sr. João Oliveira: «Nasce um pae ou mãe de familia na orphanidade. Quaes são os soccorros a prestar ás victimas?»

Deixal-os fallal-os que elles callarão-se-hão-se.

—Um estrangeiro que visitou ante-hontem Barcellos entrou em varias casas da rua Direita, onde estão em posição elegante, mas arriscada, varios vasos, —julgando entrar em *hórtos*.

Achou curiosa a forma como é feita a rega a taes vasos, que consiste em se despejar nelles uns horrifadores dagua, e observou de longe (o bandalho) que cahiam muitas pingas della sobre os transeuntes.

Esse estrangeiro concordou que aquella agua que cahia não fazia mal á cabeça dos camaristas...

—*Alvagaras*. Dão-se a quem encontrar A. B., honem das *taiuas* no rio.

Continuamos, como promettemos, a publicar, na 1.^a pag., escriptos devidos á penna das pessoas mais distinctas no nosso pequeno meio litterario. «Modo de cumprir» pertence a um dos nossos collegas locais, muito apreciado como articulista primoroso, e até como poeta delicado.

—Ainda não fazemos n'este n.^o o nosso juizo ácerca do livro «Lourdes», do sr. padre Maciel.

—Em virtude de, por nossa culpa, sair errado, no ultimo numero da «Lagrima», o lindo soneto do sr. Arthur Esmeriz—«Chimera», publicamol-o hoje, outra vez.

—Temos em nesso poder um soneto do sr. Thiago Couto que não podemos publicar n'este numero.

Reclamo

Quem quizer aos bons melões
Tirar prova verdadeira
E' puxar pelos *cordões*
—Ir fallar co' o Oliveira.

Os 7 salões da Grecial
Descutindo sobre asneira,
Só resolveram a questão
Co' os melões do Oliveira.

(A «Lagrima» é o jornal de maior tiragem n'esta villa. Preço 20 reis por mez)